

Sobre *On Reading* de André Kertész

Para o Rui Sanches

1

Como estado ideal, a leitura transtorna muitas das distinções que permitem diferenciar os homens entre si e os fazem a nossos olhos mais justos ou menos justos. De um rosto que está entregue à leitura sobe o sussurro ou o murmúrio de quem participa numa grande mente. Cada um que lê reúne-se a uma imensidade pensante, em repouso, quem lê está em estado de levitação, pertence a uma imagem pairante.

2

O livrinho, que contém sessenta e três fotografias dedicadas à leitura, abre com uma multidão de pássaros de luz, esvoaçando sem sair do mesmo ponto entre as folhas adivinhadas de uma árvore e os revérberos de um cortinado: sobre uma mesa à frente da janela está um livro aberto, à esquerda uma caixa de porcelana cuja tampa tem a forma de um pássaro, uma pomba.

O que é um livro aberto sobre uma mesa? Um convite à rememoração, um chamamento de luz, procurar cada vez mais luz. Acenam os pássaros de Brancusi.

3

Entre os gregos, nossos primeiros, a leitura nunca encontrou divindade protectora, provavelmente porque a leitura estava associada não só ao som de uma voz que se achava ainda entre iguais, escutando, como também a um lento e legislado exercício de aprendizagem. Litanias não lhe são dedicadas, sobre ela apenas cai o olhar turvo e profético de Platão, cobrindo-a de avisos, anunciando-lhe mortais decisões: sabendo que não pode evitar encontrar ainda nela a sua própria redenção, liga-a rigorosamente não ao som da voz, mas ao silêncio assinalador da escrita, trabalho quase inédito da morte. Seguindo o vaticínio platónico, a encontrar-lhe uma genealogia entregá-la-íamos à descendência da noite, aos seus filhos, à morte e ao sono. E, no entanto, não encontramos neste livro nenhuma fotografia declaradamente nocturna (a não ser em quatro casos: a do monge budista, Quioto, 1968; a da velha do hospício de Beaune, 1929; a do rapaz do circo de Nova Iorque, 1969, e a da rapariga no carnaval de 1926 em Paris; mesmo nestas fotografias, porém, a noite não é sequer um vislumbre, é unicamente uma suspeita muda, uma interrogação, a que não corresponde, na verdade, qualquer resposta segura: se há ali a noite, nada na imagem o poderá demonstrar sem de imediato se instalar a dúvida). Neste livro, aqueles que lêem nascem à luz do dia, a luz apresenta-se reinando. Não é pela inquietação do obscuro que a leitura descobre a sua irmandade com a morte e com o sono; se estes são os seus familiares, isso deve-se à posição do corpo e à pacificação dos seus ritmos inerentes, como estando ido para uma viagem que anuncia a derradeira e a redime sempre, sempre. Aquele que lê tem os olhos baixos, mesmo que seja ao de leve (há exemplos vertiginosos, como o da velha lendo longas folhas num cais de Paris,

1928, ou o homem que lê enquanto caminha numa rua de Buenos Aires, em 10 de Julho de 1962, ou duas, entre várias, das admiráveis fotografias de crianças, uma quase deitada sobre um montão de detritos de revistas e jornais, Nova Iorque, 12 de Outubro de 1944, outra sobre um amontoado semelhante, agora em Manila em 15 de Junho de 1961, de cócoras, como se tocasse já o rosto no chão); há no corpo sempre a formar-se um movimento de inclinação, de disposição augural, como naquele que se dispõe a adormecer. Kertész captou todos os esboços possíveis dessa inclinação, como um inventário das posições da leitura, na postura do corpo, na colocação das mãos à altura dos pés (os cinco rapazes de Paris, 1929, são a sua apresentação exemplar).

4

Havendo uma suspensão do fluxo intencional da experiência, a irrupção dos afectos e das imagens sonhadas encontra o espírito no estado mais propício de abandono, alheamento, que é uma forma elevada de concentração: o leitor não é tanto aquele que vê, quanto aquele que a vidência guia, esquecido da sua própria visibilidade. Ao riso e ao choro, e ao seu cortejo, nascidos da leitura, não há idade que seja alheia: haverá alguma idade que lhe seja mais favorável? O acto de ler, a aprendizagem da leitura é um acto de infância por absoluto, por isso mesmo parecem os velhos que lêem tão perto de regressar a um ponto onde toda a infância se acolhe, e os adultos tomados pela leitura deixam transparecer, intocáveis, todos os indícios desse lugar recôndito, oculto em tantas outras ocasiões. Na verdade, a dificuldade de um adulto ou de um velho aprender a ler procede da vertigem de não poderem regressar a um mundo de lembranças, para o qual a infância está desde sempre preparada: um sonho sem comparações, tal como a língua materna. Aquele que já perdeu a infância não pode resgatar esse sonho do aprender incomparável, do aprender sem analogia, esse endureceu, está armado, defendido pela espessura de toda a espécie de repetições,

suspeitas, deduções, lamentos e falsos improvisos, que constituem o lote de qualquer vida composta de muitos anos, para quem toda a vivência é um derivado. Na infância a leitura encarna essa descoberta do que não se passou em lugar nenhum, nem em nenhum tempo, isso que para Novalis era o único verdadeiro. Não é outro o sentido da experiência visível ou antecipável no rosto, nos ombros, nas mãos, nos atacadores dos sapatos, nos braços, nos cabelos, de todos aqueles que aparecem nestas fotografias, andados à procura de uma coisa que deixaram guardada num quarto que já foi deles.

5

On Reading é um livro sobre a ideia de leitura, isto é, sobre a visão da leitura. Como todos os actos humanos que exigem uma lenta e afeiçoada aprendizagem, ler, a visão da leitura, move à piedade. Ler na rua, entre o ruído dos passantes, dos automóveis, estar protegido, sentado no chão entre os detritos próprios das cidades, chupando um sorvete, ou guardado em casa, guardado pelos deuses do lar, o anjo-da-guarda da infância: querer ir ter, querer ir ter com alguém, ter marcado encontro com alguém: «agora, enquanto posso...»; «ah! depois de estar tudo arrumado», «antes que a luz se extinga», «daqui a pouco não haverá tempo», «teria ficado aqui?», «meu Deus, conseguirei ir até ao fim?». À luz gordurosa do refeitório do asilo, um velho lê uma carta (Paris, 1929), refúgio da velhice, a sua prova; os estudantes preparando uma frequência ou uma dissertação ou perdendo tempo entre os exames (Washington, 1969, 1970); os anjos no intervalo da representação teatral revendo o seu papel (Nova Iorque, 19 de Abril de 1938); os inúmeros refugiados nas varandas, sacadas, telhados (New Orleans, Paris, Buenos Aires, Nova Iorque, 1966, 1962, 1962, 1963, 1965, 1970); o rapaz do antiquário (30 de Junho de 1969, Nova Iorque); a menina que abandonou as suas tranquilas bonecas (23 de Setembro de 1962, Nova Iorque); o riso patético, quase medonho, sórdido, do ve-

Iho vagabundo desdentado (8 de Dezembro de 1960, Nova Iorque). Esquece-se. Esquece-se o frio, os pés gelados (como na única fotografia que provém da Hungria, Esztergom, 1915), o cheiro nauseabundo, a multidão, a alegria alheia, a dor de cada um, estar tanto tempo só. Pouco importa o que lêem todos eles, histórias de quadrinhos, notícias desportivas, o livro dos salmos, o livro de Job, cartas, anedotas pornográficas ou histórias de arte, pautas musicais, obras de edificação moral, contos de fadas, aventuras. Trata-se sempre de participar num segredo. No acto de leitura isso que é próprio do homem — «um animal jamais substitui uma coisa pela outra», como diz Clarice Lispector — é levado ao seu limiar mais cego; rigorosamente falando, ler não substitui, suspende e faz caminhar, ler é um dos modos de antecipação mais prodigioso, em que o espírito se guarda e inspira, aprofundando, alargando e contraindo o tempo. Assim o viu Platão, o texto escrito, como túmulo, sarcófago do espírito. Quem lê, porém, não é um profanador — de acordo com uma das medidas da esotérica platónica — mas o que volta a reunir os membros despedaçados, a recolher as cinzas, deitar-se ao lado do que já foi, ofício mais humilde: *tradendum*.

6

É incomensurável o poder que um livro tem sobre o olhar que nele se demora, revelando-lhe um segredo comum. Toda a resistência é aqui imaginada, procurada, o reino da matéria é para aquele que lê um reino estrangeiro. Nessa medida, o acto de leitura é o acto imaginativo *kath' exochén*, que restitui os movimentos da alma de toda a coisa pela decifração do desenho silencioso das letras ou dos sinais, e aí reside o perigo de ler. Com efeito, a corrida quieta da leitura é o autêntico paradoxo de Zenão. Rememoração, o tempo da leitura é uma actualização eminente, através da retenção do olhar, o espaço retrai-se até um limiar indeterminado, e invade e afeiçoa como a argila mais dócil, o corpo daquele que lê, imóvel, parado, suspenso.